

USO RECORRENTE DE ANTI-INFLAMATÓRIOS NÃO ESTEROIDAIS NO CONTROLE DA DISMENORREIA E SUAS IMPLICAÇÕES RENAIS

Dayse Sthefane de Aquino Silva¹; Carla Caroline Santos Braga¹; Taynná Cristine Carvalho¹; Sthefany Vitória Reis de Souza Meireles¹; Ana Clara Gomes Carneiro¹; Ana Luiza Schalcher Lima Nunes¹; Daniel Nogueira Santos¹; Nair Vitória Teixeira Costa Oliveira¹; Pedro Khallyl Mendes Ahamad Jaber¹; Bismarck Ascar Sauaia².

¹ Acadêmicos de Medicina – UFMA.

² Orientador / Docente de Medicina – UFMA.

E-mail: dayseaquinoac@gmail.com

Introdução: A dismenorreia constitui um problema ginecológico extremamente prevalente entre mulheres em idade reprodutiva, com índices globais estimados entre 50% e 90%. Essa condição compromete significativamente o bem-estar e a produtividade, sendo causa frequente de faltas recorrentes às atividades acadêmicas e laborais. Tal cenário motiva a busca pelo alívio algíco imediato através de anti-inflamatórios não esteroidais (AINEs), cuja facilidade de acesso e cultura de automedicação no Brasil são determinantes sociais críticos. Contudo, o consumo crônico e muitas vezes inadvertido desses fármacos gera graves preocupações clínicas sobre a preservação da homeostase e da função renal a longo prazo. **Objetivo:** Analisar as repercussões fisiopatológicas do uso frequente de AINEs no manejo da dor menstrual e sua correlação com o desenvolvimento de injúrias renais em mulheres em idade reprodutiva. **Metodologia:** Estudo fundamentado no Método do Arco de Magueres, integrando as etapas de observação da realidade, pontos-chave, teorização, hipóteses de solução e aplicação à realidade. A investigação contou com revisão bibliográfica integrativa, visita técnica com entrevista semiestruturada a uma especialista em nefrologia e aplicação de questionário epidemiológico via Google Forms a 43 mulheres para identificar padrões de consumo, automedicação e percepção de risco. A pesquisa respeitou os preceitos éticos para estudos com seres humanos. **Resultados e Discussões:** Observou-se que os AINEs são a principal escolha terapêutica para 81,25% das usuárias, com predominância do ácido mefenâmico e ibuprofeno. A prática da automedicação foi identificada em 84,61% dos casos na literatura consultada, tendência confirmada pela baixa frequência de uso sob prescrição médica na amostra local. Notou-se um pico de prevalência de queixas algícas entre 22 e 24 anos. Fisiopatologicamente, os AINEs inibem as enzimas COX-1 e COX-2, bloqueando a síntese de prostaglandinas vasodilatadoras (PGE2 e PGI2), essenciais para a hemodinâmica renal. O uso recorrente rompe mecanismos compensatórios, causando vasoconstrição da arteríola aferente e redução da taxa de filtração glomerular. Isso pode evoluir para quadros de Nefrite Intersticial Aguda, Necrose Papilar e Insuficiência Renal Aguda. A especialista destacou a natureza silenciosa das lesões, que frequentemente progridem sem sintomas precoces perceptíveis. **Considerações Finais:** O uso frequente de AINEs no controle da dismenorreia constitui um risco substancial à integridade renal. Torna-se imperativo fortalecer as ações de educação em saúde e o aconselhamento médico para prevenir patologias renais evitáveis, incentivando o manejo consciente e o monitoramento clínico preventivo de usuárias frequentes.

Palavras-chave: Dismenorreia; Anti-inflamatórios; Insuficiência Renal; Automedicação.

Área temática: Temas Livres em Medicina.